

**FOLHINHAS E ALMANAQUE LAEMMERT: PEQUENOS FORMATOS E ALTAS
TIRAGENS NAS PUBLICAÇÕES DA TIPOGRAFIA UNIVERSAL**

Ana Laura DONEGÁ¹

Resumo: Edward e Henrich Laemmert – mais conhecidos como Eduardo e Henrique Laemmert – foram dois editores de grande relevância no mercado brasileiro Oitocentista. De origem alemã, ambos trabalharam em importantes livrarias da Europa, nas quais aprenderam o ofício de livreiro-editor. Em 1827, Eduardo Laemmert aportou no Rio de Janeiro a fim de trabalhar na filial brasileira aberta pelos livreiros Hector Bossange e Jean Pierre Aillaud. Seis anos mais tarde, inaugurou seu próprio estabelecimento comercial, ao qual se associou seu irmão, algum tempo depois. Juntos, eles fundaram uma oficina tipográfica, chamada Tipografia Universal, que se tornou especialmente conhecida pela edição do *Almanaque Laemmert* e das *Folhinhas de Laemmert*. O presente texto tem o objetivo de apresentar essas duas publicações, evidenciando as temáticas abordadas por ambas e os motivos que teriam permitido seu sucesso entre os leitores do período.

Palavras-chave: *Almanaque Laemmert; Folhinhas de Laemmert; Imprensa do século XIX.*

Abstract: Edward and Henrich Laemmert – more commonly known as Eduardo e Henrique Laemmert – were two editors of great importance in the nineteenth-century Brazilian market. Born in Germany, they worked in important European bookstores, where they learned the craft of book-publishing. In 1827, Eduardo Laemmert arrived in Rio de Janeiro in order to work for a Brazilian branch owned by booksellers Hector Bossange and Jean Pierre Aillaud. Six years later, he opened his own business that his brother would join later. Together, they founded a typographical office, called Tipografia Universal, which became famous for the *Almanaque Laemmert* and *Folhinhas de Laemmert* editions. This paper intends to present these two publications, highlighting the issues addressed by them, as well as the reasons that could have caused their success among readers of that period.

Key-words: *Almanaque Laemmert; Folhinhas de Laemmert; Nineteenth press.*

1. As *Folhinhas de Laemmert*

Em *O livro no Brasil*, Hallewell apontou que Eduardo e Henrique Laemmert encarregaram-se de fornecer ao público leitor carioca guias de bolso e outras produções semelhantes, investindo em um mercado insuficientemente explorado por outros tipógrafos, cuja demanda crescia com o passar dos anos. Para o pesquisador, essas obras de tamanho reduzido teriam tiragens elevadas e influenciariam de forma decisiva os rumos dos negócios

¹ Mestranda em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (IEL/UNICAMP). Esta pesquisa está sendo financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

dos irmãos, sendo não apenas as principais publicações de sua editora, como também aquelas que envolveriam o maior número de funcionários.²

De fato, diversos livros repletos de conhecimentos práticos, destinados à leitura rápida e de valor mais acessível foram editados pelos livreiros alemães. Entre os mais conhecidos, devemos destacar inicialmente as *Folhinhas de Laemmert*, impressões anuais de grande tiragem, lançadas logo no segundo ano das atividades da Tipografia Universal, em 1839. No Brasil, a veiculação de obras desse tipo era comum desde pelo menos o ano de 1824, quando R. Ogier deu início a essa empreitada em sua tipografia.³ Nas décadas seguintes, além dos Laemmert, outros livreiros da corte, como Seignot Plancher, Manuel José Cardoso e Paula Brito, investiram na veiculação de suas próprias folhinhas anuais.⁴

Na primeira parte do material impresso pelos irmãos, costumavam figurar a introdução do redator; a retrospectiva do ano anterior; o calendário (com os dias de gala, feriados, datas de audiências e sessões dos tribunais e juízes, tábuas do sol, da lua e dos mares); a lista da Câmara dos senadores e dos deputados; a tabela com as datas de partidas dos correios provinciais para a capital e vice-versa; a genealogia das casas de alguns soberanos; o arrolamento do corpo diplomático e consular brasileiro e a crônica nacional com os principais acontecimentos históricos ocorridos em nosso país desde 1500.

Na segunda parte, encontravam-se as informações que diferenciavam uma folhinha de outra. A *Folhinha Patriótica Brasileira para o ano bissexto de 1852*, por exemplo, contou com a seção designada como “História poética do Brasil contada por vários escritores nacionais”, na qual foram inseridas as seguintes poesias: “A descoberta do Brasil”, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva; “O cruzeiro do Sul, ao descobrimento do Brasil” e “Visão de Cabral, ou o descobrimento do Brasil”, ambas do cônego Fernandes Pinheiro Júnior; “Brasileana”, de um escritor anônimo; e um excerto do *Caramuru*, de Santa Rita Durão,

² HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. Trad. do inglês Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira, São Paulo: EDUSP, 1985. p. 236-237.

³ Em 1843, Ogier publicou o seguinte anúncio: “Folhinhas de Ogier para o ano de 1842. Estas folhinhas já são conhecidas há 16 anos, por suas matérias úteis, e variadas, que é desnecessário recomendá-las ao público. Acham-se à venda na tip. e livraria dos editores, ruas do Rosário n. 84, e Hospício n. 51.” Fonte: *Diário do Rio de Janeiro*. Edição de 09 de abril de 1828, seção de anúncios.

⁴ Os principais livreiros cariocas desse período divulgaram suas folhinhas nas páginas do *Jornal do Comércio*. Em 03 de julho de 1834, Seignot Plancher anunciou a venda das seguintes obras: *Folhinha Imperial e Constitucional; dos Guardas Nacionais; Mágica; Explicação dos Sonhos; Comercial; Simão de Nântua; Cristã e de Porta*. Em 24 de setembro de 1842, Manuel J. Cardoso fez propaganda de suas folhinhas contendo o dicionário de flores e frutos, o ABC de amores, o dicionário ABC e diversas poesias amorosas. Quatro anos mais tarde, no dia 21 de abril de 1846, Paula Brito publicou um reclame de sua *Folhinha Nacional*, com uma “Miscelânea proveitosa e recreativa, em prosa e verso”. Conferir: *Jornal do Comércio*. Edições de 1834, 1842 e 1846, seção de anúncios.

chamado “Descobrimento do Brasil”.⁵ Dez anos mais tarde, a *Folhinha Patriótica para o ano de 1862* apresentou, no lugar dos poemas, uma transcrição com as diferentes obrigações cívicas do cidadão para com a família, os pais, os filhos, os cônjuges, os irmãos e os parentes. De acordo com o autor, da boa conduta no lar dependeria a moral da nação, daí a necessidade de se atentar para as virtudes domésticas com o objetivo de alcançar a felicidade do Estado.⁶

Já a *Folhinha de Anedotas Brasileiras para o ano de 1861* ofereceu algumas narrativas divertidas protagonizadas por personagens ilustres da nossa história ou mesmo por simples desconhecidos. Na anedota chamada “Bailes mascarados”, por exemplo, os redatores trataram de uma dessas reuniões sociais, comuns na corte durante a época do Carnaval, na qual um “homem espirituoso” decidiu se fantasiar de “homem de bem” de modo a não ser reconhecido. Outra, designada “A mulher do poeta”, contou um suposto desentendimento ocorrido entre Gregório de Matos e sua mulher, D. Maria dos Povos, que resultou no rompimento do casal. Devido à intercessão de um tio, o escritor aceitou se reconciliar com sua esposa, impondo como condição que ela viesse “atada como escrava fugida” para que aprendesse sua lição. Segundo o redator, a publicação dessas narrativas teria o objetivo de conservar “as anedotas, os ditos espirituosos, os repentines felizes” brasileiros, alçando o nosso país à esfera ocupada pelas outras nações ilustradas, nas quais a prática seria comum desde longa data.⁷

Os textos apresentados pelas folhinhas tinham o objetivo de instruir, moralizar e educar os leitores, o que fica mais evidente nos textos em prosa ficcional veiculados em suas páginas. Em 1875, os irmãos alemães imprimiram a *Folhinha das três novelinhas*, contendo os seguintes textos em prosa ficcional: “A tesoura”, “O castelo das três torres” e “O homem que perde a memória.”⁸ A primeira narrou a história de uma jovem de rara beleza, abençoada pela fada das tesouras, ente mágico que fazia de seu pai, um velho alfaiate, o melhor costureiro da região. Com a ajuda da fada, a moça descobriu uma conspiração contra o rei, obtendo como recompensas um título de nobreza e o consentimento para se casar com um

⁵ *Folhinha Patriótica Brasileira para o ano de 1852 contendo a Chronica Nacional, noticias curiosas e interessantes, e o primeiro volume da Historia do Brasil cantada em verso por Joaquim Norberto de Sousa e Silva*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1852.

⁶ *Folhinha Patriótica para o ano de 1862 contendo a Chronica Nacional, noticias curiosas e interessantes e a primeira coleção de cartas do principe regente depois D. Pedro I imperador do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1862. p. 253.

⁷ *Folhinha de Anedotas Brasileiras para o ano de 1861 contendo a chronica nacional, noticias curiosas e interessantes e uma nova coleção de anedotas nacionaes e ilustradas com vinhetas*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1861. p. 20.

⁸ *Folhinha das tres novelinhas para o ano de 1875. Contendo a chrnica nacional, preceitos de agricultura, horticultura e jardinagem e noticias curiosas e interessantes*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1875.

conde por quem estava apaixonada. No final, o narrador explicou o desenlace dizendo que a fada da tesoura nada mais era do que a fada do trabalho, já que a qualidade das roupas feitas pelo alfaiate resultava de sua longa experiência nesse ofício e não de uma intercessão sobrenatural.

A segunda narrativa publicada pela referida folhinha versou sobre um castelo mal-assombrado a quem nenhum comprador se dirigia devido aos boatos da presença de fantasmas em seu interior. Tudo não passava das artimanhas de um vizinho, que pretendia adquirir o terreno há algum tempo, e espantava os possíveis concorrentes. Finalmente, a terceira narrativa abordou o triste fim de um homem muito rico, cuja sede por poder e riqueza motivaram-no a se esquecer de seus pais e a se envergonhar de sua origem humilde. Amaldiçoado por um antigo conselheiro que apagou toda sua memória, ele sofreu o resultado de suas más ações, sendo levado à loucura e depois, à morte.

Enquanto as folhinhas editadas pelos concorrentes tiveram curta duração, as impressas pelos tipógrafos germânicos conquistaram muitas gerações e alcançaram, inclusive, o século XX. Isso porque os irmãos empenharam-se em aperfeiçoar esse material, procurando superar seus concorrentes por meio da abordagem de temas variados, capazes de atrair a atenção dos mais diversos clientes. No início, as *Folhinhas de Laemmert* eram apenas quatro, a saber: *Folhinha com as novas máximas do Exmo. Marquês de Maricá*, *Folhinha joco-séria em verso e prosa, com anedotas*, *Folhinha com um ramalhete de novelas, e romances* e *Folhinha judiciária com o código do processo criminal*. Oito anos mais tarde, já atingiam vinte tipos diferentes:

- Acham-se à venda na rua da Quitanda, no. 77, as afamadas e bem sortidas **FOLHINHAS DE LAEMMERT PARA 1848**, ornadas com uma nova gravura em aço, representando S M a Imperatriz em figura inteira, e contendo o ano novo, a minuciosa relação da viagem de S. M. na província do Rio de Janeiro, a crônica nacional de 1846 – 1847, a cronologia de 1772 – 1790, e exactíssimo calendário com todos os seus pertences, dias de gala, audiências, taboas de sol e da lua, senadores, partidas dos correios, corpo diplomático e consular, genealogia dos principais soberanos, precedida de augustíssima casa imperial etc.
- Listas das diferentes folhinhas que todas também contém no princípio as matérias acima especificadas, a saber:*
- 1º. Folhinha Biográfica da historia de Napoleão.
- 2º. Folhinha de Cupido, com o Dicionário de Bom Gosto, em verso, ou nova genuína da linguagem das flores, frutos etc.
- 3º. Folhinha Dramática contendo a comédia o Desertor, e o drama Lapeyrouse, para leituras e representação.
- 4º. Folhinha de Pillérias, anedotas e casos galantes.
- 5º. Folhinha do Trovador, em um novo almanaque poético.
- 6º. Folhinha da Saúde, com tratado sobre o onanismo etc.
- 7º. Folhinha Romântica, com romances e novelas.

8°. Folhinha com a Historia do Brasil.
9°. Folhinha Lusitana. 10. Das Damas. 11. De Segredo. 12. História. 13. Constitucional. 14. Judiciária. 15. De justiça. 16. Do Sábio. 17. De História natural. 18. Das flores. 19. Dos sonhos. 20. De Jogos.⁹

Segundo Inocêncio Francisco da Silva, em 1869, havia sessenta e cinco tipos de *Folhinhas de Laemmert* sobre os mais diversos assuntos, incluindo temas religiosos – *Folhinha cristã*, *Folhinha das Tribulações do S. P. Pio IX*, *Folhinha religiosa*, *Folhinha bíblica*, *Folhinha religiosa brasileira*, *Folhinha civil e eclesiástica* –; científicos – *Folhinha da saúde*, *Folhinha das hemorróidas*, *Folhinha da medicina doméstica* –; literários – *Folhinha de leitura amena*, *Folhinha de ensaios poéticos*, *Folhinha teatral*, *Folhinha poética*, *Folhinha dramática*, *Folhinha do fabulista* –; humorísticos – *Folhinha humorística*, *Folhinha do novo charadista*, *Folhinha divertida*, *Folhinha joco-séria*, *Folhinha enigmática*, *Folhinha divertida*, *Folhinha das anedotas nacionais*, *Folhinha do charadista*, *Folhinha das sortes*, *Folhinha de jogos* – entre outros.¹⁰

Ao que tudo indica, a estratégia comercial empregada pelos Laemmert garantiu a conquista de muitos clientes e o bom êxito das folhinhas, que obtiveram uma tiragem de 80.000 exemplares por ano na década de 60, cifra elevada para 100.000 exemplares no final do século XIX.¹¹ Se compararmos esses dados com os apresentados por Lyons a respeito das publicações na França, chegaremos a resultados ainda mais surpreendentes: de acordo com o autor, os três maiores best-sellers franceses da década de 50, *História da França*, de Saint-Ouen, *Fábulas*, de La Fontaine, e *Fábulas*, de Florian, alcançaram, nesse momento, uma tiragem mínima de 144.000, 63.000 e 40.600 exemplares, respectivamente.¹² Sendo assim, não seria exagero afirmar que as *Folhinhas de Laemmert* tiveram, de fato, uma tiragem muita elevada para os padrões da época, tanto que superaram com facilidade outras obras, como os livros de La Fontaine e de Florian, dois dos três escritores mais vendidos em território francês nesse momento.

Os altos números se mantiveram na quantidade de volumes existentes dessa obra: segundo Gilberto Ferrez, a maior coleção das *Folhinhas de Laemmert* encontra-se na Biblioteca Nacional, que contém um total de 325 folhinhas diferentes. De acordo com o autor,

⁹ *Diário do Rio de Janeiro*. Edição de 10 de dezembro de 1847, seção de anúncios.

¹⁰ SILVA, Inocêncio Francisco da. **Dicionário bibliográfico português: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil**. V. IX (letras C-G), Lisboa: Imprensa Nacional, 1870. p. 256.

¹¹ FERREZ, Gilberto. “A obra de Eduardo Laemmert.” **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Brasília - Rio de Janeiro, n. 331, p. 197. *Almanack administrativo, mercantil e industrial do Imperio do Brazil para o anno de 1889*. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1889. p. III.

¹² LYONS, Martyn. “Les best-sellers.” In.: CHARTIER, Roger e MARTIN, Henri-Jean (org.). **Histoire de l'édition française: les temps des éditeurs**. 1985. p. 423.

essa publicação era dirigida para a classe média-baixa e tinha o objetivo de infundir “moral cívica e cristã”.¹³ Como vimos, a leitura de alguns desses exemplares evidenciou a presença de um tom moralizante permeando todos os textos, inclusive as narrativas. Quanto ao público-alvo, é possível que a maioria de seus leitores pertencesse às classes populares, já que os baixos preços – em torno de 400 a 700 réis – certamente atraíam pessoas de menor poder aquisitivo. No entanto, até mesmo a elite carioca parece ter tido acesso ao material: o escritor José de Alencar, por exemplo, citou a publicação da Tipografia Universal em uma crônica veiculada no *Correio Mercantil*, em 17 de setembro de 1854:

Estamos na primavera, dizem os folhetins dos jornais, e a *Folhinha de Laemmert*, que é autoridade nesta matéria. Não se pode por conseguinte admitir a menor dúvida a respeito. A poeira, o calor, as trovoadas, os casamentos e as moléstias, tudo anuncia que entramos na quadra feiticeira dos brincos e dos amores.¹⁴

Outro autor desse período, Joaquim Manuel de Macedo, também teve contato com as *Folhinhas de Laemmert*, obra citada em seu romance *A carteira de meu tio*, de 1855. No livro, aparece a figura de um narrador-personagem que se autodenomina sobrinho de seu tio, já que seu familiar é um homem respeitado e ele pretende aproveitar desse prestígio valendo-se de seu nome. Após uma temporada na Europa, o narrador decide ingressar na carreira política, pois tem as características indispensáveis à profissão, sendo “impostor e atrevido”. Para atingir seu objetivo, ele precisa realizar uma viagem a cavalo pelo país, condição imposta pelo tio com o intuito de promover sua educação política e moral. Munido da Constituição do Império do Brasil, deve observar a realidade brasileira e escrever suas reflexões numa pequena caderneta de viagem, chamada carteira.

Conforme apontou Juliana Maia, o romance de Macedo evidencia a inaplicação dos direitos e deveres expressos na Constituição brasileira, definida pelo narrador como uma “defunta”, visto que seu conteúdo foi olvidado pelos políticos nacionais.¹⁵ A fim de comprovar sua opinião, ele apresenta diversas cenas que confirmam essa incompatibilidade entre as leis e a realidade. Ao visitar uma cadeia, por exemplo, o sobrinho se depara com celas insalubres, habitadas por um aglomerado de homens. Nesse mesmo local, encontra uma página das *Folhinhas de Laemmert*, na qual estavam escritos os artigos da Constituição que tratavam da limpeza e da segurança das cadeias nacionais. Em um tom irônico, ele critica o

¹³ FERREZ, Gilberto. Op. cit. p. 197.

¹⁴ Fonte: ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. Texto disponível em: http://www.seed.pr.gov.br/portals/portal/usp/primeiro_trimestre/textos/literatura/jose_alencar/corredapena/corredapena.pdf. Acesso no dia 28 de fevereiro de 2012.

¹⁵ QUEIROZ, Juliana Maia. “*A carteira de meu tio*: ficção e história em Joaquim Manuel de Macedo.” *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, v. 2, n. 3, 2010. p. 7.

empreendimento dos irmãos, afirmando que Eduardo e Henrique Laemmert seriam “perigosos” e “infensos à ordem pública” devido ao “mau costume de vulgarizar (...) códigos e leis que falam em direitos do povo, e em deveres do governo.”¹⁶

2. O *Almanaque Laemmert*

Ao lado das *Folhinhas de Laemmert*, o *Almanaque administrativo, mercantil e industrial da corte e da província do Rio de Janeiro*, também conhecido como *Almanaque Laemmert*, foi outra publicação de destaque da gráfica dos irmãos germânicos. Lançada em 1843, a obra oferecia uma “radiografia dos espaços públicos e privados”¹⁷ da corte e da província cariocas. Segundo os editores, os objetivos com essa impressão eram poupar o tempo e diminuir as investigações gastas durante a busca por residências e demais localizações do Rio de Janeiro:

Como argumento de utilidade de um Almanaque para esta Corte o que poderíamos nós dizer, que aumentasse no Público esta convicção unânime: convicção fundada na cotidiana experiência? Não falamos já dos que em razão de sua profissão têm de frequentar amiudadas vezes os Estabelecimentos públicos ou particulares, as repartições civis, militares, eclesiásticas, e etc.; tratar com procuradores, advogados, escrivãos, com empregados públicos, magistrados, etc., etc.; ainda aqueles que menos sujeitos estão a tais dependências, quanto não estimariam ter um repertório que nas ocasiões que lhes dispensasse o andarem fazendo indagações, que lhes roubam o tempo e multiplicam passadas; quando não é que retardam e embaraçam o expediente de seus negócios, e até às vezes, os transtornam.

Em seu primeiro número, a obra foi aberta com o arrolamento do corpo diplomático e consular estrangeiro residente na corte brasileira; ao qual se seguiram diversas listas contendo os nomes dos membros da família real brasileira, seus títulos e nascimentos; os nomes dos nobres nacionais; os nomes e as funções dos empregados do Paço Imperial; os nomes e endereços dos funcionários do Ministério do Império, do Ministério da Justiça, do Ministério da Marinha, do Ministério da Guerra e Ministério da Fazenda, respectivamente; e os nomes e endereços dos funcionários da prefeitura (designada como Municipalidade). Após essas listas com endereços de trabalhadores do governo, apareceram as localizações das Companhias, sociedades e institutos da corte (como Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Instituto dos Advogados Brasileiros, Banco Comercial do Rio de Janeiro, Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e Gabinete Português de Leitura); as residências dos

¹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel de. **A carteira de meu tio**. Rio de Janeiro: Imp. Tipographica Dous de Dezembro, 1855. p. 126.

¹⁷ LIMEIRA, Aline de Moraes. **Educação Particular e Publicidade no Almanak Laemmert (1844/1859)**. Dissertação (Mestre) – Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2007. p. 18.

diferentes profissionais moradores do Rio de Janeiro, bem como dos comerciantes nacionais e estrangeiros radicados na capital brasileira e, finalmente, o endereço dos estabelecimentos dedicados à venda de produtos e as indústrias localizadas na cidade. Para terminar, o *Almanaque* trouxe ainda o nome das diferentes autoridades da Província do Rio de Janeiro, algumas leis referentes às práticas comerciais, industriais e jurídicas e, por fim, o nome de seus assinantes.

No ano seguinte, a obra foi ampliada e passou a contar com alguns materiais encontrados nas *Folhinhas de Laemmert*, como calendários astrológicos, de comemorações religiosas, de dias de gala, de dias de audiência e sessões dos tribunais e juízos, de partidas dos correios terrestres, além da lista dos monarcas e chefes de Estado. Os Laemmert continuaram investindo nesse material e procuraram sempre garantir seu aprimoramento, tarefa que foi continuada por seus sucessores. Prova disso é que, em 1878, o almanaque atingiu a marca de 2.400 verbetes, quase 10 vezes mais que o total encontrado em seu lançamento, em 1844. Além disso, em sua 46ª. edição, alcançou mais de 2.500 páginas, das quais 2.122 eram dedicadas à corte – um aumento esplendoroso em relação ao primeiro número, de apenas 281 páginas.¹⁸

Segundo Gilberto Ferrez, inicialmente o almanaque era publicado em formato pequeno, de 10 x 15 cm, mas o grande número de informações fez com que passasse, em 1849, para 14 x 22 cm, dimensões que manteve ao longo de muitos anos. Ainda de acordo com o pesquisador, a obra conquistou a estima do público leitor carioca graças “às múltiplas e corretas informações contidas em seus volumes.”¹⁹ De fato, o almanaque parece ter agradado enormemente os leitores da época, prova disso é a existência de um longo artigo, veiculado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1848, que assinala tanto sua qualidade quanto boa acolhida:

BIBLIOGRAFIA

ALMANAQUE administrativo, mercantil e industrial para 1847

Publicaram os Srs. Eduardo e Henrique Laemmert o quarto ano do seu *Almanaque* e é forçoso confessar que esta empresa, em que os Srs. Laemmert entraram sós, desajudados de qualquer auxílio, tem hoje chegado a grande exatidão e perfeição.

Diversas vezes se tem tentado a publicação do Almanaque no Brasil, que a final não puderam continuar: era necessário ter perseverança e coragem para contar todos os embaraços, lutar com eles e superá-los. Os Srs. Laemmert a tiveram, e já vão no 4º. Ano da sua publicação.

Não há necessidade de demonstrar o que todos sabem – a utilidade dos Almanques. Em livros tais não ha só o interesse do momento: geralmente são eles depósito de estatísticas importantes e curiosas, instrutivas e que

¹⁸ FERREZ, Gilberto. p. 192.

¹⁹ Idem. p. 194.

podem ser base de trabalhos externos e proveitosos, que não coligidos a tempo, perdem-se e com prejuízo.

Damos parabéns aos Sr. Laemmert pela constância co que a tem progredido neste trabalho, e auguramos para o seu *Almanaque* estabilidade e apoio do público, se, como é de esperar, continuarem a esforçar-se como se esforçarão para a redação e coordenação d' este 4o. volume.²⁰

O texto acima aponta para a importância da impressão de um guia com dados sobre o comércio e a indústria do Rio de Janeiro, ressaltando que outros editores falharam em tal empreendimento. Entre os comerciantes de livros que se dedicaram a essa tarefa, esteve Pierre Plancher que, em 1828, veiculou seu *Dicionário das ruas do Rio de Janeiro, ou Guide de l'étranger dans cette capitale*, redigido em português, francês e inglês. Em 1836, surgiu o *Almanaque geral do império do Brasil* e seu *Apêndice*, obra vendida na Livraria Universal, mas impressa por outros editores, visto que na época os irmãos ainda não haviam aberto sua tipografia.²¹ Antes dessas impressões, no período colonial, Antonio Duarte Nunes organizou o *Almanaque do Rio de Janeiro*, publicado pela Impressão Régia.²²

Durante alguns anos, a redação do *Almanaque Laemmert* ficou a cargo dos irmãos, e, em 1857, passou a outro sócio da firma, Carlos Henrique Haring. Em 1872, Eduardo Laemmert novamente assumiu a função de redator do almanaque, sendo cinco anos mais tarde substituído por José Antonio dos Santos Cardoso, e este, por Arthur Sauer, em 1883. No entanto, o nome do fundador e suas condecorações jamais deixaram de aparecer na capa do material, uma estratégia comercial que agregava prestígio à obra e consequentemente estimulava as vendas.

O material circulava em praticamente todo o território nacional, sendo distribuído, em 1899, para as seguintes províncias: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano, agências localizadas em outros países – como Alemanha, Argentina, Bélgica, Estados Unidos, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Portugal e Uruguai –, se encarregaram de revender a obra no exterior, possibilitando que leitores encontrados em nações estrangeiras pudessem ter acesso a informações relativas ao Brasil.²³

²⁰ *Diário do Rio de Janeiro*. Edição de 02 de janeiro de 1846, seção de anúncios.

²¹ Idem. Edições de 05 e 23 de fevereiro de 1838, respectivamente. Hallewell apontou que as publicações de almanaques existiam na cidade desde os fins do século XVIII.

²² Fonte: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sapateiro/crono.htm>. Acesso no dia 28 de fevereiro de 2012.

²³ *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Imperio do Brazil para o anno de 1889. Rio de Janeiro: em casa dos editores proprietários Laemmert & Co, 1889. p. II.*

Conforme apontou Moraes, o sucesso da obra entre os leitores Oitocentistas pode ser apreendido na extensa lista de seus assinantes, que atingiu, em algumas edições, mais de quatrocentos nomes. Havia, entre eles, indivíduos de diferentes classes econômicas, incluindo nobres, profissionais liberais (como médicos e advogados), militares e eclesiásticos. De acordo com a pesquisadora, na lista de assinantes do *Almanaque Laemmert* encontrava-se o nome de um morador de Santa Maria Madalena, chamado Francisco Xavier de Assis, o pai de Machado de Assis.²⁴

Certamente o escritor teve contato com a obra da Tipografia Universal, a qual foi citada em *Iaiá Garcia*, romance inicialmente publicado no jornal carioca *O Cruzeiro*, entre janeiro e março de 1878, e lançado em volume pela tipografia desse periódico, nesse mesmo ano. No romance machadiano, aparece a figura de um advogado chamado Jorge, um verdadeiro “*dandie* da rua do Ouvidor, que ali poderia ter nascido, ali poderia morrer”, cuja dedicação ao trabalho tinha como objetivo garantir seu “nome no portal do escritório e no *Almanaque Laemmert*.”²⁵ A referência à publicação dos irmãos indica que qualquer profissional que exercesse suas atividades na corte carioca poderia ter seu nome inserido nas páginas do almanaque, independentemente de seu comprometimento com a função ou de seu profissionalismo.

Monteiro Lobato também citou o *Almanaque Laemmert* em seu livro de estréia, *Urupês*, lançado em 1918. No conto “O engraçado arrependido”, o narrador conta a história de Pontes, um piadista típico, conhecido por suas “micagens, pilhérias e anedotas de inglês.” Como era naturalmente engraçado, conseguia arrancar risos nos atos mais simples, imitar diferentes animais ou pessoas e levar qualquer ouvinte à gargalhada. Certo dia, Pontes cansou-se das brincadeiras e decidiu ser tomado a sério, desejo que não conseguiu realizar, já que todos pensavam que ele estava pregando uma peça. Na tentativa de reverter a situação, procurou arrumar um emprego na coletoria federal, mas não havia vagas disponíveis. Ele passou, então, a seguir o major Bentes, um velho e taciturno funcionário que sofria de aneurisma cerebral e poderia morrer por qualquer esforço. Seu objetivo era, literalmente, matá-lo de rir e ficar com o seu cargo. No entanto, o major era um homem sério e não se entregava aos gracejos de Pontes como os demais:

O major Bentes, entretanto, possuía uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos irônicos. Pilhérias que levavam outros

²⁴ LIMEIRA, Aline de Moraes. “Almanaque de primeira. Em meio à ferrenha concorrência editorial do século XIX, o Almanak Laemmert se destacou pela variedade de informações.” *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 05 set. 2010. p. 80 - 83.

²⁵ ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. Fonte: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/iaia.pdf. Acesso no dia 28 de fevereiro de 2012.

comensais a erguerem-se da mesa atabafando a boca nos guardanapos, encrespava apenas os seus lábios. E se a graça não era de superfina agudeza, ele desmontava sem piedade o contador:
- Isso é velho, Ponte. Já num almanaque *Laemmert* de 1850 me lembro de o ter lido.²⁶

Para levar sua platéia à gargalhada, a personagem recorre a múltiplas fontes, incluindo duas obras impressas pela Tipografia Universal: o *Almanaque Laemmert* e a *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, sendo a última conhecida de cor por Pontes.²⁷ A enciclopédia escrita por Eduardo Laemmert é citada ainda no clássico infantil *Reinações de Narizinho*, de 1931, como um “livro muito antigo e danado para dar sono”, utilizado por esse motivo como cama pelo Visconde de Sabugosa.²⁸ A menção à sonolência durante sua leitura encontra-se também numa crônica publicada por Lobato, sob pseudônimo de Josben, no jornal estudantil *O Guarani*:

Como sofria de insônia, escrevi a um conhecido médico perguntando qual o melhor narcótico que ele conhecia, ao que me respondeu: “Caro Josben: Há trinta anos que sou médico e sempre tenho empregado como narcótico o ópio, a codeína e outros. Mas há poucos meses, lendo a Enciclopédia do Riso e da Galhofa, encontrei lá a seguinte anedota: EMENDA PIOR QUE O SONETO - Um escritor escreveu no primeiro capítulo dum seu livro - outras coisas; na impressão saiu outras coisas; e o editor pôs na Errata outras coisas. Isto é o que se chama emenda pior que o soneto. Ao acabar de ler essa anedota, um irresistível sono apoderou-se de mim, e quando acordei vi que estava ali um narcótico, mais poderoso que quantos conhece a medicina. Tenho-o empregado com admiráveis resultados em quem sofre de insônia, e é de fácil aplicação, porque basta ler duas ou três vezes. Vou mandar felicitar o Sr. Pafúncino Semicúpio Pechincha, autor de tão maravilhosa descoberta. (assinado) Dr. Mesoj.” Nunca empreguei esse narcótico como manda a fórmula desse médico, porque desde esse dia basta lembrar-me das anedotas do tal Pafúncio para que a insônia fuja espavorida.²⁹

Segundo Cavalheiro, Lobato costumava ler e reler a referida enciclopédia, inicialmente se divertindo, mas logo se cansando com a mediocridade das piadas, daí seu tom ácido quanto à qualidade dos textos ali encontrados. Embora as críticas de Lobato possam denegrir a obra, que seria, na opinião do autor, incapaz de fazer o leitor rir, a referência direta feita pelo escritor às publicações dos Laemmert indica que elas conquistaram um público leitor amplo e permaneceram no imaginário popular ao longo de muitos anos.

²⁶ LOBATO, Monteiro. “O engraçado arrependido”. **Urupês**. São Paulo: Globo livros, 2007. p. 38-39.

²⁷ Idem. p. 33.

²⁸ LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 229.

²⁹ CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1955. p. 40.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografias e Dicionários

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1955.

FERREZ, Gilberto. “A obra de Eduardo Laemmert.” **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Brasília - Rio de Janeiro, n. 331, pp. 193- 211, 1981.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. Trad. do inglês Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira, São Paulo: EDUSP, 1985.

LIMEIRA, Aline de Moraes. “Almanaque de primeira. Em meio à ferrenha concorrência editorial do século XIX, o Almanak Laemmert se destacou pela variedade de informações.” **Revista de História da Biblioteca Nacional**, pp. 80 - 83, 05 set. 2010.

_____. **Educação Particular e Publicidade no Almanak Laemmert (1844/1859)**. Dissertação (Mestre) – Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2007.

LOBATO, Monteiro. “O engraçado arrependido”. **Urupês**. São Paulo: Globo livros, 2007.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

LYONS, Martyn. “Les best-sellers.” In.: CHARTIER, Roger e MARTIN, Henri-Jean (org.). **Histoire de l'édition française: les temps des éditeurs**. 1985.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A carteira de meu tio**. Rio de Janeiro: Imp. Typographica Dous de Dezembro, 1855.

QUEIROZ, Juliana Maia. “A carteira de meu tio: ficção e história em Joaquim Manuel de Macedo.” **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 2, n. 3, 2010.

SILVA, Inocência Francisco da. **Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil**. V. IX (letras C-G), Lisboa: Imprensa Nacional, 1870.

Fontes consultadas

Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1853. Em casa dos editores-proprietarios Eduardo e Henrique Laemmert: Rio de Janeiro, 1853.

Almanak administrativo, commercial e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro para o ano de 1864. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1864.

Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro para o anno de 1865. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865.

Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro inclusive alguns municipios da provincia, e a cidade de Santos para o anno de 1874. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1874.

Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e provincia do Rio de Janeiro inclusive a cidade de Santos, da provincia de São Paulo para o anno de 1878. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1878.

Almanak administrativo, mercantil e industrial do Imperio do Brazil. Rio de Janeiro: em casa dos editores proprietarios H. Laemmert & C. 1884-1889.

Almanack administrativo, mercantil e industrial do Imperio do Brazil para o anno de 1889. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1889.

Folhinha das tres novelinhas para o anno de 1875. Contendo a chrnica nacional, preceitos de agricultura, horticultura e jardinagem e noticias curiosas e interessantes. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1875.

Folhinha de Anedoctas Brasileiras para o anno de 1861 contendo a chronica nacional, noticias curiosas e interessantes e uma nova colecção de anedoctas nacionaes e ilustradas com vinhetas. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1861.

Folhinha Patriotica Brasileira para o anno de 1852 contendo a Chronica Nacional, noticias curiosas e interessantes, e o primeiro volume da Historia do Brasil cantada em verso por Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1852.

Folhinha Patriotica para o anno de 1862 contendo a Chronica Nacional, noticias curiosas e interessantes e a primeira colecção de cartas do principe regente depois D. Pedro I imperador do Brasil. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1862.

Jornais consultados

Diário do Rio de Janeiro

Jornal do Comércio

Sites consultados

http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/iaia.pdf

<http://www.seed.pr.gov.br>

<http://www.unicamp.br/iel/memoria>